

Um lugar para chorar (pra Vilma)

Nuno Ramos

Era a segunda vez que tocava a campainha, à mesma hora. Era a segunda vez que o mesmo senhor abria a porta, a pele oleosa, e a introduzia à sala de móveis sombrios, as cortinas fechadas, o carpete espesso, a lombada dos livros largos. Como da primeira vez, ela sentou na poltrona espalmada, ao lado da que ele usava. Desta vez, ele sequer teve tempo de oferecer café. Ela começou imediatamente, sem nenhum intervalo - um choro intermitente, baixinho, quase sem gemido, como uma sirene rouca, monótona. O velhinho não olhava para ela. Sentava, descansado, as pernas cruzadas, sem distrair-se, olhando sempre em frente, absorto. Ela percebia por entre as lágrimas, com o canto dos olhos, como estava calmo e decidido, e que sabia perfeitamente o que fazer com as mãos. No entanto, mal se conheciam. Nada podia detê-la. Não havia tempo para explicar nada, pois chorava imediatamente ao entrar e só parava algumas horas depois. Foi assim na primeira, na segunda, na terceira e em todas as vezes que foi até lá. Começava a chorar antes de se acomodar, no corredor ainda. Numa das vezes, a esposa dele, que ela só conhecia de vista, estava na sala esperando. Sentou-se no mesmo lugar e chorou, quase sem conseguir apertar sua mão. Os dois velhinhos, sem dizer nada entre si, sem sequer se olhar, esperavam a tarde cair. Assim passaram-se os meses. Afinal seu marido morreu, novos problemas apareceram e com eles uma vontade estranha de viver. Achou que devia retribuir de alguma forma o que tinham feito por ela. Tocou a campainha, levando flores e pronta para conversar, ao invés de chorar. O velhinho abriu, o vulto de sua esposa atrás dele e, sem convidá-la a entrar, batendo a mão em sua face como se faz a uma criança, disse, era a primeira vez que dizia alguma coisa, *Melhor não, melhor não.*

Ninguém

Se não quero das palavras seu sentido mas aquilo que carregam realmente, e do incêndio quero o fogo e não a rima, da sombra o escuro e não a posição gramatical, se do amor não quero nada, por querer dizer coisas demais, então devo me chamar, como o naufrago, Ninguém, sem querer de ninguém o seu sentido mas aquilo que vem antes, ainda sem ter estado lá; se da terra quero aquilo que ali brota e afunda mas antes que houvesse tempo, e habilidade, para chamar aos frutos, frutos e aos mortos, mortos; então seria melhor para mim apagá-las todas, às palavras, uma a uma, às negras, pequenas aranhas, livrando o dicionário dessa mácula, e beber o que foi tinta, sim, e transformar a tinta em chuva, em tigre.